



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE O TEMA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA – PERSPECTIVA DOS
GESTORES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Thagia Quevedo Brum

**Tio Hugo, RS, Brasil
2009**

**FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE O TEMA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA – PERSPECTIVA DOS GESTORES**

por

Thagia Quevedo Brum

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof^a. Mariglei Severo Maraschin

**Tio Hugo, RS, Brasil
2009**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE O TEM EDUCAÇÃO INCLUSIVA
PERSPECTIVA DOS GESTORES**

elaborada por
Thagia Quevedo Brum

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Mariglei Severo Maraschin, Ms.
(Presidente/Orientador)

Claudio Emelson Guimarães Dutra, Ms. (UFSM)

Vantoir Roberto Brancher, Ms. (UFSM)

Tio Hugo, 08 de agosto de 2009.

Agradeço a minha família, amigos e colegas pela paciência e apoio ao me ouvirem falar freqüentemente na elaboração desse trabalho. A colega Maria Fátima Ávila Betencourt pelas sugestões, apoio e empréstimo de materiais. As professoras Denize Vargas e Sandra Mara Martins Brena pelo empréstimo dos materiais utilizados para a elaboração deste. Ao meu amigo Anderson Barela que fez as traduções necessárias. Aos gestores das Escolas Municipais de Passo Fundo que cederam seu tempo para as entrevistas e especialmente a minha orientadora Ms. Mariglei Severo Maraschin pelas sugestões, correções e conselhos.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE O TEMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – PERSPECTIVA DOS GESTORES

AUTORA: THAGIA QUEVEDO BRUM
ORIENTADOR: MARIGLEI SEVERO MARASCHIN
Tio Hugo,RS, 08 de agosto de 2009.

No município de Passo Fundo, há um projeto de formação continuada para os professores da rede municipal de ensino. Ele visa garantir e promover espaços de estudos para o desenvolvimento profissional dos professores que compõem o sistema municipal de ensino, contemplando a articulação entre teoria e prática, onde os professores sejam sujeitos do processo educativo, buscando a construção de novos saberes com base na relação entre os conhecimentos acumulados e as experiências do cotidiano escolar. Com o objetivo de verificar as metodologias utilizadas na formação continuada em serviço nas Escolas Municipais de Passo Fundo que abordaram o tema Educação Inclusiva no ano de 2008 e conhecer a visão dos gestores na formação, foram realizadas entrevistas com os gestores de sete escolas do município. Através da entrevista estruturada, procurou-se compreender como ocorreu a formação, verificar o tempo utilizado, constatar as metodologias utilizadas e verificar quais obtiveram resultados satisfatórios. E concluiu-se que a maioria dos gestores prepararam a formação continuada de acordo com os interesses da escola, usando metodologias de fácil execução. As escolas que organizaram a formação pretendendo a preparação dos professores para a inclusão, utilizaram a mistura de várias metodologias como: texto, vídeo e palestrantes. A avaliação feita por esses gestores é que a formação sobre o tema educação inclusiva permite aos professores o conhecimento sobre o assunto e a aceitação de que essa é a realidade das escolas, mas nenhum dos gestores afirma que os professores estão preparados para trabalhar a inclusão.

Palavras-chave: Educação; Formação continuada; Educação inclusiva.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE O TEMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA – PERSPECTIVA DOS GESTORES

(CONTINUING EDUCATION ON THE SUBJECT OF INCLUSIVE EDUCATION -
MANAGERS' PERSPECTIVE)

THAGIA QUEVEDO BRUM

ADVISER: MARIGLEI SEVERO MARASCHIN

Tio Hugo,RS, 08 de agosto de 2009.

In the city of Passo Fundo, there is a project of continuing education for teachers of the municipal system of education. It aims to ensure and promote areas of study for the professional development of teachers who take part the municipal system of education, addressing the link between theory and practice, where teachers are subject to the educational process, seeking the construction of new knowledge based on the relationship between the accumulated knowledge and the experiences of everyday school life. With the objective of verifying the methodologies used in the continuing education in service in Passo Fundo Municipal Schools that approached the theme Inclusive Education in the year of 2008 and to know the managers' vision in the formation, interviews were accomplished with the managers of seven schools of the municipal district. Through the structured interview, it's tried to understand how it happened the formation, to verify the used time, to verify the used methodologies and to verify which obtained satisfactory results. And it was concluded that most of the managers prepared the continuing education in agreement with the interests of the school, using methodologies of easy execution. The schools that organized the formation intending the teachers' preparation for the inclusion, used the mixture of several methodologies as: text, video and lecturers. The evaluation done by those managers is that the formation on the theme inclusive education allows the teachers the knowledge about the subject and the acceptance that this is the reality of the schools, but none of the managers claim that the teachers are prepared to work the inclusion.

Word-key: Education; Continuing Education; Inclusive education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Formação continuada	11
2.1.1 Contextualizando a importância da temática	11
2.1.2 Formação continuada: prática e reflexão	14
2.1.3 Programa de formação continuada no município de Passo Fundo	16
2.1.4 Organização da formação continuada: um desafio da gestão.....	18
2.1.5 Metodologias utilizadas para formação continuada	21
2.1.5.1 Palestras	21
2.1.5.2 Pesquisa	23
2.1.5.3 Leitura	24
2.1.5.4 Elaboração própria	25
2.1.5.5 Seminário	26
2.1.6 Valorização do professor	27
2.2 Educação inclusiva	30
2.2.1 Definição	30
2.2.2 Inclusão no Brasil	34
2.2.3 Formação dos professores	37
3 METODOLOGIA	41
3.1 Construindo a pesquisa	41
3.2 Etapas da pesquisa	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Entrevista	43
4.1.1 Gestores	43
4.1.2 Tempo de serviço na área de educação	43
4.1.3 Tempo de serviço como gestor	44

4.1.4 Desafios no desempenho da função	44
4.1.4.1 Diretor.....	44
4.1.4.2 Coordenador pedagógico	44
4.1.5 Organização da formação continuada	45
4.1.5.1 Tempo utilizado na organização	45
4.1.5.2 Escolha dos temas	45
4.1.5.3 Elaboração do projeto	46
4.1.6 Tema educação inclusiva	46
4.1.6.1 Escolha do tema	46
4.1.6.2 Objetivo da escolha do tema	46
4.1.6.3 Metodologia utilizada	47
4.1.6.4 Tempo utilizado para o desenvolvimento do tema	48
4.1.6.5 Avaliação	49
4.1.7 Alunos com necessidades especiais na escola	50
4.1.7.1Relação da comunidade escolar com os alunos com necessidades especiais	50
4.1.8 Avaliação do gestor da formação continuada sobre o tema	50
4.1.9 Outros temas importantes para serem trabalhados na escola	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A	59

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país da América Latina que apresenta as menores oportunidades educativas oferecidas na aprendizagem dos alunos, de acordo com o relatório da UNESCO, citado por Ciegliniski (2008) o Brasil encontra-se no grupo intermediário entre os “longe de atingir as metas” e os “perto de atingir as metas”. Vários projetos estão sendo colocados em prática para que essa situação seja revertida.

Uma das alternativas seria investir na formação dos professores, para que esses possam se sentir seguros, valorizados e preparados para a utilização de diferentes metodologias e técnicas. Esses momentos de aprendizagem e motivação dos professores certamente melhorarão a qualidade da educação dos alunos.

Mudanças introduzidas pela legislação educacional no que diz respeito à formação continuada dos professores e as reformas educacionais a partir da introdução de orientações curriculares para a educação básica têm sido tratadas como indispensáveis para melhorar a qualidade de ensino. Nessa legislação, há uma valorização maior na formação continuada, forçando os estados e municípios a elaborar projetos visando atender esses objetivos.

Nas Escolas Municipais da cidade de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul, é desenvolvida, durante todo o ano, a formação continuada que é organizada pela Secretaria Municipal de Educação, na qual são realizados encontros entre os professores de todas as escolas uma vez por mês. Além disso, acontece a formação continuada em serviço nas Escolas que ocorre através da elaboração de projetos feitos pelas próprias escolas, cujo desenvolvimento se dá durante todo o ano letivo.

Como a formação continuada é uma exigência da Secretaria Municipal de Educação, é necessário que ela seja bem desenvolvida, utilizando metodologias e técnicas adequadas para que possa contribuir na aprendizagem do professor, somando ao currículo do professor não só como mais um certificado, mas como aprendizado em que ele possa utilizar no seu dia-a-dia, por esse motivo, torna-se necessário que o gestor educacional dê o apoio necessário. Organizando e colocando em prática uma formação em serviço adequada para que possa tornar-se interessante e não apenas no papel para cumprir exigências da legislação.

Com o objetivo de compreender como ocorreu a formação continuada sobre o tema educação inclusiva, verificar o tempo e as metodologias utilizadas na formação continuada em serviço nas Escolas Municipais de Passo Fundo que abordaram o tema Educação Inclusiva no ano de 2008 foi desenvolvido esse projeto de pesquisa. Segundo Gil (2002), com base nos objetivos a pesquisa é considerada descritiva e quanto ao procedimento técnico foi utilizado o estudo de caso. E nesse trabalho, também foi possível verificar quais metodologias obtiveram resultados satisfatórios e conhecer a visão dos gestores sobre esta formação.

Na elaboração deste trabalho, a base bibliográfica sobre a formação continuada é baseada nas idéias de José Carlos Libâneo (2004) sobre a Formação Continuada na organização e Gestão da escola e outros autores como Naura Ferreira (2006), Verbena Lisita (2001), Adão Peixoto (2001), Denise Silva (2007), Dóris Fiss (2007) e Maria Fontebasso (2007) que abordam textos sobre formação organizados em livros que falam sobre as políticas, concepções e perspectivas. Sobre a educação inclusiva foram utilizados livros que relatam aspectos positivos e negativos da inclusão, José Pacheco (2007), Valéria Arantes (2006), e Peter Mittler (2003) e os trabalhos de escolas que trabalham a inclusão.

A monografia foi assim organizada: o capítulo 2 traz o referencial teórico que aborda sobre a formação continuada e a educação inclusiva. Sobre a formação continuada há uma contextualização sobre a importância desta temática, explicações sobre a formação baseada na articulação entre a prática e a reflexão sobre a prática, constatações a respeito do programa de formação continuada do ano de 2008 do Município de Passo Fundo, observações sobre o desafio da gestão na organização da formação continuada, as metodologias mais utilizadas nas formações continuadas e as que deveriam ser utilizadas e um tópico sobre a valorização do professor. Sobre a educação inclusiva, foram citadas definições e foram tratados assuntos sobre a inclusão no Brasil e a formação de professores.

Após no capítulo 3 apresentamos a metodologia que trata da construção e das etapas da pesquisa e por fim no capítulo 4 são trabalhados os resultados e discussões da pesquisa baseados na entrevista realizada com os gestores sobre o tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo da monografia serão apresentados referenciais sobre Formação continuada e Educação inclusiva. Sobre a primeira organizou-se uma contextualização e importância da temática, abordou-se a necessidade da prática e reflexão, o Programa de Formação Continuada de 2008 no Município de Passo Fundo, o desafio da gestão na Organização da Formação Continuada, as metodologias utilizadas para formação continuada e ainda um tópico sobre a valorização do professor. Sobre Educação inclusiva discute-se a definição, a inclusão no Brasil e a formação de professores.

2.1 Formação Continuada

2.1.1 Contextualizando a importância da temática

As crianças em idade escolar devem ter acesso e permanecer na Escola e, ao final de sua educação escolar, apresentar diferenças significativas na forma de perceber e atuar no mundo. A Escola deve fazer o aluno, através do senso comum, chegar a uma consciência epistemológica, permitindo o desenvolvimento de um ser crítico, possibilitando desenvolver uma visão científica do mundo que o cerca.

Quando penso na qualidade da educação, me vem a mente os alunos, mas acredito que devemos rever esses conceitos e nos concentrarmos nas mudanças que devem ocorrer para a aprendizagem do professor e aí sim visando a aprendizagem do aluno.

Estamos na era da globalização, essa nova realidade, exige qualificações cada vez mais elevadas para os profissionais. Assim as necessidades educacionais tornam-se cada vez maiores e para suprir essas necessidades, é necessário, após a formação inicial, a continuidade dos estudos que podem e devem ser oferecidos ao profissional durante o horário de trabalho. Ferreira (2006, p. 22) considera que “quem não acompanha as mudanças científicas e tecnológicas, prematuramente estará inabilitado para o trabalho e para a vida em sociedade”.

A formação continuada garante profissionais atualizados, em aprendizagem permanente. O professor que não lê, acredito que não elabora textos e não pesquisa, não tem como exigir dos alunos algo que também não sabe fazer.

A formação inicial é o momento que o profissional aprende a importância da sua profissão e como deve trabalhar para garantir o sucesso do seu trabalho. Essa formação deveria preparar o profissional da educação para a realidade das escolas, para que ele possa, através dessa realidade, transformar os indivíduos em “cidadão do mundo”, pessoas independentes, conhecedoras dos seus direitos e deveres e capazes de se posicionar diante dos acontecimentos mundiais.

Considerando que a formação inicial, por mais qualificada que seja, não prepara os professores para todos os desafios que encontra na sala de aula e o domínio de saberes que lhes possibilite um exercício profissional competente e, conseqüentemente um melhor desempenho dos educandos. Torna-se imprescindível a implementação de programas de formação continuada, que é o momento para esses profissionais se adequarem e que justifica-se por vários motivos, entre eles, o desenvolvimento profissional e pessoal e de afirmação do profissionalismo, diante da deterioração da imagem do profissional docente; a inclusão de todos os indivíduos em fase escolar; a persistência do insucesso, da exclusão e do abandono escolar; a legislação e os financiamentos disponíveis.

Os professores são os profissionais que trabalham na formação do cidadão, e, por esse motivo, deveriam ser os mais qualificados, dispendo de tecnologias e acervos diversificados com o intuito de garantir uma formação adequada para todos. Mas a realidade do nosso país é a de professores recebendo baixos salários e grande carga horária, impedindo a compra de livros e tempo disponível para a leitura destes.

Na formação dos professores, ocorre o descomprometimento com a formação inicial e uma valorização cada vez maior da formação continuada em serviço. Os investimentos escassos do governo vão para as formações continuadas por serem consideradas economicamente viável.

A formação continuada não é apenas um prolongamento da formação inicial. Ela visa também o aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, é indispensável numa profissão que lida com a internalização dos saberes dos seres humanos.

Infelizmente, alguns programas de formação continuada não passam de tentativas de remendar os furos deixados pela má qualidade dos cursos de graduação. A formação continuada não deve ser somente realizada para sanar falhas e suprir insuficiências da formação inicial. Esses momentos devem ser utilizados para estudos e a produção científica.

Quando falamos em formação continuada, devemos levar em consideração os investimentos que o Banco Mundial tem feito no Brasil, recomendando a capacitação em serviço, por ser uma alternativa mais barata e desaconselhando e não investindo na formação inicial. A partir dessa visão neoliberal, a educação, que precisa de investimentos e bons profissionais, se depara com modalidades de formação de professores em cursos mais baratos e de curta duração. Com essa formação, milhares de novos professores, que chegam na escola, e como não tiveram qualidade na sua formação inicial, mantêm os tradicionais métodos, mantendo estagnada a educação no Brasil.

A formação dos professores tem sido vista como pré-condição de qualidade da educação escolar na maioria das pesquisas sobre essa temática. De acordo com essa realidade, torna-se necessário uma melhor qualidade na formação inicial do professor e manter essa qualidade na formação em serviço.

Através de pesquisas realizadas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB (Portaria nº. 931/2005) percebe-se que as práticas pedagógicas não estão contemplando as competências e habilidades expressas na legislação atual. Esses resultados causam um certo desconforto nos profissionais comprometidos com uma educação de qualidade, provocando uma inquietação e uma busca de práticas pedagógicas para que se possa modificar essa realidade.

A formação continuada consiste de ações de formação dentro da jornada de trabalho, durante as reuniões para elaboração do projeto político pedagógico da escola, nas reuniões de trabalho, na formação de grupos de estudo, nas pesquisas, nos conselhos de classe, nos estudos de caso (que devem ser elaborados em forma de projeto e serem divulgados), nas formações a distância. E também pode ocorrer fora da jornada de trabalho em congressos, cursos, encontros, palestras e oficinas. Segundo Libâneo (2004), também fazem parte dos processos de formação continuada as ações de acompanhamento promovidas pelas Secretarias de Educação, visando apresentar diretrizes gerais de trabalho e oferecendo assistência técnica especializada ou programas de atualização e aprimoramento profissional.

Quando se coloca o assunto formação continuada em discussão, infelizmente, vem a tona, os profissionais que negligenciam sua profissão, que preferem manter-se na ignorância, não querem evoluir pessoalmente e profissionalmente e encontram-se estagnados, participando unicamente da formação para não receberem falta no trabalho, e também rejeitando os professores com iniciativa e que procuram uma educação de qualidade. Nesse estado, esses professores não percebem outras possibilidades de pensamento e ação, consideram somente seus saberes verdadeiros, requerendo dos outros professores, a adequação ao seu modo de pensar.

Gadotti (2000), visando as mudanças necessárias para uma educação de qualidade afirma que precisamos ter certezas para pensar e agir, é na luta cotidiana, no dia-a-dia que a quantidade de pequenas mudanças numa certa direção oferece a possibilidade de se chegar a uma grande mudança, e para essa mudança, é necessário um esforço contínuo, solidário e paciente. Para garantir essa educação de qualidade, esses esforços devem ser voltados também para a formação continuada. Ela garante que os professores tenham tempo de estudo nas escolas no seu horário de trabalho para discutir suas práticas, trocar experiências, atualizar conhecimentos, esclarecer situações da sala de aula, e a partir da teoria, delinear teorias para explicar como as crianças aprendem e qual a melhor maneira de ensinar.

2.1.2 Formação continuada: prática e reflexão

Os professores, no seu dia-a-dia possuem necessidades que o mobilizam. Percebe-se que em encontros de professores e intervalos, conversam sobre suas dificuldades. Mas nos momentos de formação, buscam conhecimentos que estejam associados instantaneamente a sua prática e rejeitam conhecimentos que não os auxiliem diretamente impedindo-os de evoluir para um patamar superior de conhecimentos. “Há situações, vivências, problemas que precisam ser compreendidos para poderem suscitar uma alternativa de ação”. (MELLO, 2002, p. 73).

Libâneo (2004), propõe uma formação baseada na articulação entre a prática e a reflexão sobre a prática, de modo que o professor vá se transformando em um profissional que domina uma prática refletida. É na reflexão sobre as questões do

dia-a-dia que o educador pode modificar a sua compreensão do cotidiano e perceber que as suas ações podem ser intencionais, e são esses momentos de formação, que o professor pode modificar a sua maneira de viver o mundo.

Para alcançar os objetivos de uma formação continuada adequada Libâneo (2004, p. 78) afirma que:

A formação continuada é uma maneira diferente de ver a capacitação profissional de professores. Ela visa ao desenvolvimento pessoal e profissional mediante práticas de envolvimento dos professores na organização da escola, na organização e articulação do currículo, nas atividades de assistência pedagógico-didática junto com a coordenação pedagógica, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, etc. O professor deixa de estar apenas cumprindo a rotina e executando tarefas, sem tempo de refletir e avaliar o que faz.

É necessário preparar os professores, para que possam dominar os saberes, possibilitando um exercício profissional competente e, conseqüentemente, um melhor desempenho dos educandos. E para essa preparação dos professores torna-se necessário à formação continuada.

O artigo 87, inciso III, das Disposições Transitórias citado por Lisita; Peixoto (2001, p. 87) prevê que os municípios, e supletivamente o Estado e a União, deverão “realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isso, os recursos da educação a distância”. Então, cabe ao gestor, organizar uma capacitação que garanta que todos os profissionais participem e que nessa participação, usem todo o seu potencial para que possam tirar proveito desses momentos para o seu crescimento pessoal e profissional.

A formação continuada visa a reflexão de mudanças pelo grupo, acompanhadas de sustentação teórico-prática. Os professores tem que ter consciência dos benefícios dessa formação para a mudança de suas práticas na aprendizagem dos alunos e para o seu desenvolvimento profissional.

Weschenfelder; Saraiva (2006, p. 96) afirmam que:

Se pretendemos mudar, inovar no cotidiano da escola, precisamos, pois, construir, encontrar alternativas teóricas e metodológicas capazes de ressignificar permanentemente as práticas dos sujeitos. Precisamos investir, efetivamente, na formação das pessoas, não simplesmente na reforma das escolas, dos prédios escolares.

A formação continuada é condição para uma aprendizagem permanente e através dela espera-se obter o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional dos professores. Somente com a apropriação de conhecimento didático, baseado na

pesquisa sobre a prática docente, é possível capacitar o profissional para ensinar qualquer disciplina.

2.1.3 Programa de Formação Continuada de 2008 no Município de Passo Fundo

O programa de formação continuada do município de Passo Fundo é uma iniciativa da Coordenadoria de Educação, da Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo de possibilitar uma aproximação entre a atuação do educador e os conhecimentos que devem fundamentar essa atuação.

Esse programa de formação continuada de gestores e educadores teve como objetivo geral:

Efetivar um Programa de Formação Continuada que considere o conhecimento acumulado pelo educador no seu fazer pedagógico e possibilite, na interação com os pares, o aprofundamento teórico que emerge como necessidade da reflexão *na* e *sobre* a ação (PASSO FUNDO, 2008, p. 7).

Nesse sentido, os educadores da rede pública municipal conquistaram o direito de realizar momentos de estudos e reflexão da prática através de encontros na própria escola. Esses momentos, expressos nos projetos de formação continuada, são importantes para o exercício da autonomia pedagógica de cada estabelecimento de ensino.

A Secretaria Municipal de Educação visando complementar a formação desenvolvida por cada escola realiza o programa de formação continuada de gestores e educadores, tendo em vista o desenvolvimento profissional dos mesmos e a conseqüente melhoria do aprendizado dos educandos.

Para o desenvolvimento do programa, este foi subdividido em sete sub-programas:

- Gestão educacional: que tem como público alvo os gestores e o objetivo é “fortalecer a ação dos dirigentes, incentivando a reflexão, o estudo, a participação e a troca de experiências, tendo em vista a melhoria da qualidade na educação municipal” (PASSO FUNDO, 2008, p. 13).
- (Re) significando Saberes na Educação Infantil e Ensino Fundamental: tem como público alvo os professores, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais e como objetivo geral “promover nos grupos de estudos, a reflexão

coletiva da prática pedagógica e o aprofundamento teórico que emerge como necessidade dessa reflexão” (PASSO FUNDO, 2008, p. 14).

- **Escolarização em Tempo Integral:** o público-alvo desse sub-programa são os educadores que atuam na escolarização de tempo integral e o objetivo geral é “proporcionar aos educadores momentos de capacitação, através do desenvolvimento de diferentes habilidades e competências, de forma individual e coletiva” (PASSO FUNDO, 2008, p. 24).

- **Educação Inclusiva – Direito à Diversidade:** tem como público-alvo os educadores das escolas municipais e tem como objetivo:

contribuir no processo de melhoria da qualidade de ensino e da equidade na educação através do desenvolvimento de escolas inclusivas e da formação docente para a inclusão, não só tentando responder à diversidade educacional dos estudantes como também possibilitar a superação das barreiras à aprendizagem e à participação social (PASSO FUNDO, 2008, p. 27).

- **Assessoria Técnico-Pedagógico às Escolas Municipais:** voltado aos gestores e educadores de escolas municipais e tem como objetivo:

exercer funções de apoio técnico e pedagógico junto aos gestores e ao corpo docente das escolas municipais, tendo como referencial os princípios didáticos e metodológicos definidos nas Diretrizes Político-Pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação (PASSO FUNDO, 2008, p. 30).

- **Centro Municipal de Atendimento ao Educando – CEMAE:** tem como público-alvo os educadores da rede municipal de ensino e como objetivo “capacitar os educadores das escolas municipais, estaduais e particulares do município de Passo Fundo para uma abordagem integrada, cooperativa e eficiente das situações do cotidiano escolar relacionados ao uso ou abuso de drogas” (PASSO FUNDO, 2008, p. 34).

- **Informática Educativa:** direcionada aos professores coordenadores dos laboratórios de informática e com o objetivo de “possibilitar ao professor da rede municipal cursos de formação continuada, com vistas a uma reorganização do fazer pedagógico em ambiente informatizado” (PASSO FUNDO, 2008, p. 38).

A metodologia básica proposta é a de formação de grupos de estudos, nos quatro primeiros sub-programas onde busca-se articular teoria e prática, num processo permanente de reflexão e ação. Utilizando também como metodologias: cursos, seminários, jornadas, fórum, oficinas conforme a necessidade dos educandos e gestores. E a Secretaria Municipal de Educação compromete-se em dar suporte aos grupos por meio de assessoria técnica ou contratada.

O programa também aposta na capacidade de cada educador e de cada grupo de estudos de se auto-organizarem e exercerem com autonomia a condução do processo, conforme os seus interesses ou necessidades pedagógicas, bem como na gestão democrática da equipe diretiva de cada escola em garantir a participação dos educadores nos diferentes espaços de formação. E a avaliação é sempre realizada durante a execução da formação, a fim de verificar se os resultados estão condizentes com os objetivos. É realizada através da participação e envolvimento dos participantes, elaboração individual de memórias, leituras prévias, produção de textos/materiais e apresentação em eventos.

2.1.4 Organização da Formação Continuada: um desafio da gestão

Para a construção do projeto de formação continuada é necessário ter o conhecimento da estrutura, da organização e da gestão do sistema educacional da escola. O conhecimento da organização da escola deveria ser de todos os professores, para que possam participar ativamente dos processos relacionados a qualidade da educação.

A atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se conseguir atingir os objetivos da organização envolvendo os aspectos gerenciais e administrativos é chamada de gestão. Libâneo (2004, p. 100) considera que para que as organizações funcionem e assim possam realizar seus objetivos, é necessário à tomada de decisões e a direção e controle dessas decisões.

Ferreira (2006, p.36) conceitua gestão como sendo administração, tomada de decisão, organização e direção. “Relaciona-se com a atividade de impulsionar uma organização a atingir seus objetivos, cumprir sua função, desempenhar seu papel”.

A gestão visa prover as condições, os meios e os recursos necessários ao trabalho em sala de aula e ao funcionamento da escola. Também visa promover o envolvimento das pessoas no trabalho por meio da participação e da avaliação dessa participação sempre garantindo a realização da aprendizagem de todos os alunos.

Numa concepção democrática e participativa, o processo de tomada de decisões se dá coletivamente, proporcionando o envolvimento da comunidade escolar no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Um princípio da gestão é a direção, que põe em ação o processo de tomada

de decisões na organização, coordenando os trabalhos de modo a atingir os objetivos.

O processo de gestão democrática permite que através da eleição de diretores possa ser escolhido o gestor, e esse indicará profissionais para desenvolver as funções de vice-diretor e coordenador pedagógico. Entende-se que os indicados para esses cargos, devem ser profissionais preparados, para que possam desenvolver um trabalho de qualidade com a comunidade escolar.

Libâneo (2004, p. 105), afirma que as características da gestão de participação são competências da direção e da coordenação pedagógica da escola, tendo em vista que a obrigação da escola é a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos a partir de práticas pedagógico-didáticas e curriculares, propiciando melhores resultados de aprendizagem dos alunos. Os diretores e coordenadores pedagógicos precisam liderar e gerir práticas de cooperação em grande grupo, criando uma organização escolar instituída a partir das percepções e das maneiras dos integrantes e pensar e agir.

Os gestores da escola são os responsáveis pela organização da formação continuada, o diretor é o administrador, e ele é o responsável pela indicação dos cargos ocupados por professores e funcionários na escola. O diretor da escola necessita de conhecimentos administrativos e pedagógicos pois ele é o responsável pelo funcionamento administrativo e pedagógico. Mas, na escola, ele desempenha as funções administrativas delegando a parte pedagógica ao coordenador pedagógico. Ele deve ter a visão do conjunto, articulando e integrando os vários setores.

O coordenador pedagógico faz a supervisão, o acompanhamento, dá apoio, faz a avaliação das atividades pedagógico-curriculares. Sua prioridade deve ser prestar assistência pedagógico-didática aos professores no que diz respeito ao trabalho com os alunos, e também ao relacionamento com os pais e a comunidade.

A função de organizar a formação continuada na escola é do coordenador pedagógico. Cabe a ele a monitoração sistemática da prática pedagógica dos professores mediante procedimentos de investigação e reflexão. Libâneo (2004, p.223), relaciona as atividades do coordenador pedagógico, citando que uma de suas funções é:

propor e coordenar atividades de formação continuada e de desenvolvimento profissional dos professores, visando ao aprimoramento

profissional em conteúdos e metodologias e oportunidades de troca de experiências e cooperação entre os docentes.

Para a elaboração dos projetos para a formação continuada da escola, deve-se levar em conta as idéias e sugestões dos professores, porque esses precisam ser formuladores de proposta própria, para que possam valorizar os estudos dessa formação, e utilizá-la no dia-a-dia. Consultar os professores durante o planejamento da formação torna os estudos mais coerentes e focados nas reais necessidades da escola e principalmente da sala de aula.

Deve-se valorizar a metodologia utilizada para a formação continuada, elaborando estratégias para atingir objetivos e nesta elaboração, priorizar a aprendizagem do professor, segundo Lisita; Peixoto (2001, p. 36) “quanto mais avançado o nível escolar, maior a relevância de aspectos de natureza cognitiva, mais elaborado o conjunto de informações e habilidades a serem desenvolvidas.”

O gestor deve conhecer o seu grupo e saber como o professor aprende para poder estimulá-lo a refletir sozinho e com os colegas. Esse gestor precisa ainda estar a par do que acontece na sala de aula, buscar textos desafiadores, apresentá-los e discuti-los à luz das didáticas.

A elaboração, a organização, o desenvolvimento e a avaliação dependem do gestor da escola, cabe a ele proporcionar ao professor momentos de formação visando a qualidade do ensino na escola.

A organização e a gestão do trabalho escolar requerem o constante aperfeiçoamento profissional – político, científico, pedagógico – de toda a equipe escolar. Dirigir uma escola implica conhecer bem seu estado real, observar e avaliar constantemente o desenvolvimento do processo de ensino, analisar com objetividade os resultados, fazer compartilhar as experiências docentes bem-sucedidas (LIBÂNEO, 2004, p. 145).

A escola não deve utilizar somente programas de formação externa para o desenvolvimento dos seus profissionais. O estudo contínuo durante o horário de trabalho pedagógico é necessário para desenvolver o potencial da própria equipe escolar.

Demo (2004, p.65) afirma que para uma formação continuada eficaz, é necessário que o gestor mantenha sistematicamente atividades de aprendizagem. Essas atividades iniciam com uma leitura programada e elaborada; a promoção de experiências alternativas de aprendizagem dos alunos; o manejo e interpretação de dados para repensar a prática profissional; elaboração do projeto pedagógico individual e reelaboração do projeto pedagógico coletivo; a participação de

seminários para a apresentação de projeto próprio; a formação de grupos de estudos para a solução de assuntos relacionados a aprendizagem dos alunos; estudos interdisciplinares entre escolas e sistemas; realização de pesquisas voltadas para a aprendizagem dos alunos; elaboração de material didático próprio e “revisão sistemática dos procedimentos escolares considerados ineficazes para a aprendizagem dos alunos, ao lado da revisão permanente das práticas”.

Zeichner e De Geraldi et al. (1998, p. 248-249 apud MELLO 2002, p. 58), destacam que para assumir uma proposta de formação de professores com o eixo reflexão sobre a prática, significa ter algumas implicações:

- a construção de uma nova prática exige uma reflexão sobre a experiência de vida escolar do professor;
- a formação docente inicia-se antes da formação inicial, através da experiência de vida;
- cada professor é responsável pelo seu próprio desenvolvimento;
- para que se estabeleça a relação dialógica é importante que o processo de reflexão ocorra em grupo;
- a reflexão é construída pela contextualização sociopolítica e cultural.

2.1.5 Metodologias utilizadas para formação continuada

2.1.5.1 Palestras

Uma das metodologias bastante utilizadas nos momentos de formação continuada é a palestra. Geralmente convida-se alguém especializado no assunto para que possa explicar para os professores algum assunto do interesse deles.

Na palestra é utilizada a exposição oral, e dependendo do palestrante, pode ser utilizado recursos como o data show, retroprojeto ou projetor de slides para que a explicação possa ser também visualizada. Então, a palestra é uma aula utilizada para atualizar os conhecimentos dos professores com novas informações.

A educação não deve ser compreendida como informação, na qual o sujeito absorve informações fragmentadas e não estabelece uma reflexão crítica sobre essa informação. O indivíduo deve ser capaz de construir novas formas de conhecer o

mundo e de recriar e pensar. Silva; Fiss; Fontebasso (2007, p. 69) afirmam que “as informações devem ser elaboradas, constituir sentido histórico-social, cultural e político para os sujeitos que, através desses sentidos, são desafiados a construir novos modos de se viver em sociedade”.

A metodologia utilizada na sala de aula, com o professor explicando tudo para os alunos, sem eles terem que ler e pesquisar, torna-se mero instrucionismo. Hoje em dia, com a televisão e a Internet, torna-se desnecessário alguém que fique lá na frente reproduzindo informações. Se essa metodologia de aula expositiva não funciona perfeitamente com os alunos, também não ajudará os professores a suprir as suas dificuldades no dia-a-dia na sala de aula.

Em algumas cidades, todos os anos, as escolas param para a Semana pedagógica, na qual trazem vários palestrantes, falando sobre vários assuntos diferentes, na expectativa de que aprimorando os professores os alunos possam render mais. Demo (2004, p. 15) diz que “esta idéia não dá resultados palpáveis, pelo menos na aprendizagem dos alunos, porque os professores, ao invés de estudar, reconstruir conhecimento, elaborar projetos pedagógicos, não fazem mais que ficar escutando palestras, em posição instrucionista evidente”.

O que geralmente acontece nessas semanas pedagógicas, é que os professores comparecem para escutar e, se possível, colher mais um diploma de participação. Sem estudar, pesquisar, elaborar, não garantindo a aprendizagem adequada e suficiente. Não se pode descartar a importância das semanas pedagógicas, elas são eficazes para informar, mostrar idéias novas de um pesquisador e motivar os professores. Porque nestes encontros, professores de todas as escolas do município se encontram e tem a oportunidade de socializar.

A aula deve ser utilizada como suporte, não como a melhor metodologia de aprendizagem, pois pode ser somente procedimento instrucionista e não reconstrutivo. A finalidade da aula é conduzir a pesquisa e elaboração própria. Pensando dessa maneira, percebemos que para o sucesso da formação dos professores, não basta esse instrucionismo, pois a maneira dos professores aprenderem é a mesma dos alunos e um mero transmissor de informações não irá prepará-los pra trabalhar com as situações que acontecem todos os dias.

Então, para a elaboração da formação continuada deve-se reservar um momento para novas informações aos professores, e pode ser utilizada a palestra para esse fim, mas não somente ela. O coordenador pedagógico, na organização da

formação deve entender sobre os assuntos para definir qual o tipo de metodologia terá mais sucesso para a aprendizagem dos professores.

2.1.5.2 Pesquisa

É a metodologia mais citada para o sucesso da aprendizagem, resultando no “aprender a aprender”. A pesquisa provoca um enfrentamento das dificuldades de escrita, da compreensão de textos, desafiando esse professor e os alunos a passarem do patamar de receptores de conhecimento a construtores de sua aprendizagem e do conhecimento, oportunizando um entendimento diferenciado entre teoria e prática. Também proporciona uma sistematização de conhecimentos empíricos e teóricos trazidos da ação cotidiana e organizados em forma de conhecimento científico dentro de determinadas normas técnicas e acadêmicas.

Segundo Pimentel (1993, p.46):

O professor precisa saber levantar hipóteses na realidade escolar. Precisa estudar mais, em função disso e produzir hipóteses novas que podem dar certo num dia e não mais em outro, porque os alunos se movimentam, o contexto social se movimenta, o professor também se dá conta disso, num mundo único, como o nosso.

É necessário desenvolver o hábito no professor de pesquisa e elaboração própria, tendo em vista desenvolver a habilidade de saber pensar (DEMO, 2004, p. 60). Colocando os professores como produtores de conhecimento, não somente como transmissores, tirando das universidades a exclusividade como produtora de conhecimento sobre o ensino.

A pesquisa é o instrumento principal para a leitura do cotidiano escolar: tem a função de colocar os educadores como responsáveis pelo projeto educativo que desenvolvem na busca de esclarecimentos sobre o seu fazer, fortalecendo a escola, recuperando a dignidade do saber profissional e criando espaços para reflexão coletiva e aperfeiçoamento das práticas educativas. Segundo Mello (2002), a produção de conhecimento provoca mudanças na capacidade dos professores de converter os problemas educacionais em discussão pública “construindo valores expressos nas políticas educacionais e nas práticas educativas”. A dúvida, a reflexão, a análise faz que o professor não seja meramente um transmissor de informações, mas sim um pesquisador capaz de refletir seu conhecimento.

Segundo Mello (2002, p. 44):

A indissociabilidade entre teoria e prática, pensar e fazer, reflexão e ação, é a marca de uma formação que vincula o ensino à pesquisa. Esta vinculação concebe a pesquisa não como um instrumento ou aparato técnico, mas como cerne da prática docente e do processo de autoformação do professor-aluno aprendente.

Pesquisa e ensino são dois processos que devem seguir sempre juntos na ação do educador, garantindo o seu desenvolvimento profissional e a melhoria da sua ação pedagógica, refletindo na qualidade da educação. É necessário que o professor aprenda a pesquisar, elaborar, que leia, estude, aprenda com os alunos e utilize o que aprendeu no seu dia-a-dia.

A necessidade de se formar um docente inquiridor, questionador, investigador, reflexivo e crítico, capaz de problematizar criticamente a realidade com a qual se defronta e de adotar uma atitude ativa no enfrentamento do cotidiano escolar. Assim, ter-se-á formado um profissional competente, e que por meio de um trabalho autônomo, criativo e comprometido com ideais emancipatórios coloca-se como autor na cena pedagógica (LISITA; PEIXOTO, 2001, p. 31)

Para que o professor se torne um profissional investigador de sua prática, é necessário que haja disposição pessoal do professor para investigar, que ele tenha desejo de questionar, formação adequada para formular problemas e selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise, precisa também de um ambiente favorável à constituição de grupos de estudos e que disponha de tempo, espaço e acesso a materiais - fontes de consulta e bibliografia especializada - para o desenvolvimento da pesquisa (ANDRÉ, 2001, p. 60).

2.1.5.3 Leitura

A leitura deve fazer parte da vida do professor, para que isso sirva de incentivo para os alunos. A leitura ensina a pensar, e quem sabe pensar, questiona o que pensa, tornando-se um ser crítico. Trazendo isso para a nossa sociedade lembrando que quem sabe pensar geralmente não gosta que os outros também saibam pensar.

Como os professores, em geral, não conseguem comprar livros devido ao salário baixo, é fundamental que tenha apoio nos sistemas públicos. Torna-se necessário locais onde possa encontrar material de estudo e leitura para que possa

manter-se atualizado e encontrar apoio e inspiração para cuidar melhor da aprendizagem de seus alunos.

A leitura de um capítulo de um livro, ou de um livro, não fornece ao leitor a reflexão necessária para a aprendizagem. É necessária a leitura de vários autores para que as idéias possam ser confrontadas ou não e que essa leitura estimule o leitor na interpretação dos fatos apresentados por estes. Podendo aceitar aquilo que o autor diz, questionar a informação ou até mesmo rejeitar as idéias de um autor ou outro.

Orlandi (1996, p.138 apud SILVA et al., 2007, p. 90) afirma que:

Ler [...] é saber que o sentido pode ser outro. Mesmo porque, entender o funcionamento do texto, enquanto objeto simbólico, é entender o funcionamento da ideologia, vendo em todo texto a presença de um outro texto necessariamente excluído dele, mas que o constitui. Não havendo univocidade entre pensamento/mundo e linguagem, haverá sempre o espaço da interpretação e do equívoco.

A leitura é uma ótima metodologia para ser aplicada na formação, mas deve ser utilizada de acordo com uma programação pré-elaborada no qual os objetivos e a avaliação desde textos estejam claros. Não deve ser utilizada a leitura porque é uma metodologia fácil e também deve-se elaborar uma avaliação consistente após a leitura, em que não fique somente no debate de idéias.

2.1.5.4 Elaboração Própria

Toda idéia fora de nós só entra em nossa cabeça se for elaborada, ou seja, reconstruída com a própria mão (DEMO, 2004). Para isso, é necessário que o professor tenha autonomia crítica e criativa para a elaboração de textos e possa tornar-se autor, e utilizar sua aprendizagem para a construção do conhecimento dos seus alunos, para que os alunos habituem-se a elaborar textos e que tenham autonomia e criatividade.

Para tornar-se autor, é necessário ler criticamente, de modo desconstrutivo e depois reconstruir. Ler somente por ler, sem fazer as interpretações e anotações, torna-se uma leitura na qual não há o aproveitamento significativo do que foi lido.

“Para que o aluno aprenda bem, supõe-se que o professor saiba aprender bem” (DEMO, 2004, p. 45). O professor precisa aprender a produzir o conhecimento,

para que possa formar alunos que não somente reproduzam conhecimento, mas que tenham a capacidade de produzir. Conhecimento não se repassa, mas se constrói.

A elaboração própria a partir de leituras não é um hábito das formações continuadas existentes, então esse hábito deve ser inserido aos poucos para que os professores não percam a motivação diante da dificuldade. Mudanças profundas carecem de extremo cuidado, planejamento e avaliação (DEMO, 2004).

Para a avaliação da formação continuada, Demo (2004, p. 66) indica a elaboração própria, constante e sistemática, para que esse texto elaborado possa indicar a aprendizagem do grupo. Silva; Fiss; Fontebasso (2007, p. 48) consideram que o ato de redigir carrega um conjunto de elementos de fases sucessivas da elaboração do pensamento, estabelecendo o processo de aprendizagem significativa, identificando os componentes para narrá-los, re-codificando as ações para transformá-las em textos e, finalmente, materializando a racionalização da prática e sua transformação em fenômenos modificáveis pela identificação dos focos dos problemas e pela reflexão sobre possibilidades de resoluções pedagógicas.

2.1.5.5 Seminário

Para a utilização dessa metodologia na formação, é necessário que todos os participantes estejam preparados para falar sobre o assunto, para que todos possam contribuir com suas idéias. Quando os professores não fazem a leitura dos textos, cada um vai falando o que vem a cabeça, sem se preocupar em argumentar, organizar o pensamento, refletir sobre o assunto. “O resultado é que se tende a socializar o vazio da ignorância” (DEMO, 2004, p. 48).

Os objetivos dos seminários são: o conhecimento, a estruturação de conceitos e o debate das idéias em um grupo pequeno e não o de apresentar conclusões. Não se trata somente da informação, mas trabalhar essa informação analisando-a e contextualizando-a, desenvolvendo a sabedoria dos indivíduos participantes através da reflexão.

Nesses momentos ocorre o estudo de um tema com outras pessoas, em reuniões que são previamente planejadas. A idéia básica dessa técnica é, num clima de colaboração, promover a aprendizagem dos membros do grupo. A organização

dos seminários em grupos de estudos pode-se conseguir a interação, o intercâmbio de saberes, as análises reflexivas das experiências socializadas e a proposição coletiva de inovações pedagógicas.

Libâneo (2004, p.301) dá algumas recomendações para o desenvolvimento de um seminário:

Os participantes devem ter interesses comuns quanto ao tema e um nível de conhecimento semelhante. Todos os membros precisam participar igualmente do trabalho. O seminário deve ser apresentado para a classe como síntese do trabalho do grupo, para socializar as conclusões. O estudo conjunto exige a investigação e a pesquisa de diversas fontes e recursos de informação (o estudo de um livro ou capítulo de livro não justifica um seminário, o importante é a diversificação de fontes.

2.1.6 Valorização do professor

“Dar aula não é nada simples. Talvez seja a atividade mais sofisticada que a espécie humana já concebeu” palavras do Ministro da Educação Fernando Haddad em entrevista para Martins et al., (2008). Com essas palavras percebe-se que o ministério da educação está trabalhando em prol de uma educação de qualidade, ou, pelo menos, que o discurso é coerente com o tipo de educação que queremos para o nosso país.

Nessa entrevista, o Ministro expõe a preocupação do Ministério da Educação com a formação inicial e continuada dos professores e comenta sobre os investimentos que serão realizados para uma adequação nos cursos de formação de licenciaturas. Considerando que se não forem feitos investimentos na formação, de nada adiantam os recursos, boa gestão e avaliações periódicas.

A qualificação do pessoal docente se apresenta hoje como um dos maiores desafios para o Plano Nacional de Educação (2001), e o Poder Público precisa se dedicar prioritariamente à solução deste problema. A implementação de políticas públicas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação é uma condição e um meio para o avanço científico e tecnológico em nossa sociedade e, portanto, para o desenvolvimento do País, uma vez que a produção do conhecimento e a criação de novas tecnologias dependem do nível e da qualidade da formação das pessoas.

É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico. É preciso que os professores

possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), a valorização do magistério implica, os seguintes requisitos:

Uma formação profissional que assegure o desenvolvimento da pessoa do educador enquanto cidadão e profissional, o domínio dos conhecimentos objeto de trabalho com os alunos e dos métodos pedagógicos que promovam a aprendizagem (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001, p. 77).

O PNE (2001) busca sanar as deficiências na formação inicial principalmente, buscando a formação de profissionais qualificados para trabalhar na educação.

O PNE (2001, p. 77) busca também “um sistema de educação continuada que permita ao professor um crescimento constante de seu domínio sobre a cultura letrada, dentro de uma visão crítica e da perspectiva de um novo humanismo”. Ou seja, uma formação continuada de qualidade.

“Jornada de trabalho organizada de acordo com a jornada dos alunos, concentrada num único estabelecimento de ensino e que inclua o tempo necessário para as atividades complementares ao trabalho em sala de aula” (PNE, 2001, p. 77). Para que o professor possa dedicar-se exclusivamente à educação de um grupo específico de alunos.

“Salário digno e competitivo no mercado de trabalho, com outras ocupações que requerem nível equivalente de formação” (PNE, 2001, p. 77). Para que os professores possam ter uma vida digna e que não se sobrecarreguem buscando outros meios de trabalho.

O magistério tem um piso salarial nacional e um terço da jornada de trabalho docente para atividades extra-classe previstos na Constituição. Essas medidas buscam a valorização do professor, pensando em atrair jovens que estão ingressando na área de trabalho. Além do salário inicial, deve-se garantir também a progressão da carreira.

A qualidade da aprendizagem do aluno depende do professor. Demo (2004, p. 46) afirma que “Professor que não aprende bem não tem como fazer o aluno aprender”. Confirmando que a formação inicial e continuada dos professores está ligada diretamente a qualidade da aprendizagem dos alunos.

A formação inicial dos professores deixou de ser desenvolvida somente em universidades, abrindo espaços para vários centros, visando a formação rápida de

profissionais no mercado, e recebeu o apoio da legislação que deixou a responsabilidade da aprendizagem para a formação continuada desenvolvida no local de trabalho.

O resgate da educação básica passa impreterivelmente pelo resgate do professor. Precisa formar-se adequadamente na origem e manter-se atualizado de maneira permanente. Ao lado disso, necessita de devida valorização socioeconômica, para que possa representar a dignidade da respectiva sociedade. Este professor tem em suas mãos a instrumentação mais sensível de mudança, se souber trabalhar bem o lado disruptivo do conhecimento. Sua missão é inventar um povo que saiba pensar (DEMO, 2004. p.89).

O professor deve “aprender a aprender” na formação inicial e continuar aprimorando no local de trabalho, porque mesmo quando está estudando, está trabalhando. Demo (2004, p. 46) afirma que “Renovação profissional permanente do professor é questão de vida ou morte”.

O descaso de alguns professores com a sua formação, acaba acomodando também os outros profissionais. Há alguns professores que preferem manter-se na ignorância, recusando-se a realizar a formação continuada. Os professores que tem iniciativa, querem aprimorar seus conhecimentos, se dedicar a qualidade de ensino, acabam sendo rejeitados.

Weschenfelder; Saraiva (2006, p. 38) afirma que:

O pior estado de ignorância é aquele em que os homens não se dão conta de outras possibilidades de pensar e agir; aquele em que consideram os seus saberes como reais e verdadeiros e, também, que esse modo de pensar é único; por isso, requerem dos outros que se adequem ao seu jeito de pensar.

O professor deve trabalhar numa escola em que tenha construído o Projeto Político Pedagógico e que acredite nos valores e nas metas que a escola defende, sentindo-se parte dela. A valorização do professor implica na construção da identidade profissional. Se for um professor iniciante, deve estudar o Projeto Político pedagógico, conhecendo através deste a realidade da Escola e desenvolvendo o Projeto junto com os outros profissionais desta.

A identidade profissional é construída a partir da valorização da profissão, da revisão dos significados sociais, da revisão das tradições e também da reafirmação de práticas culturalmente significativas. As precárias condições de trabalho dos professores em todos os níveis de ensino, leva os docentes a ampliarem suas horas

de trabalho em busca de um padrão digno de vida, impedindo que o professor tenha tempo e dinheiro para comprar livros e se dedicar aos estudos e reflexão.

A situação docente no Brasil, tem se caracterizado, por muitos anos, como formação inicial insuficiente, baixos salários e precárias condições de trabalho. Isso tem tornado o professor um profissional desvalorizado e conseqüentemente desmotivado. Trabalhando com educação, para a formação dos indivíduos e se sentindo um profissional sem uma visão melhor de futuro. Lisita; Peixoto, (2001, p. 17) consideram que “Valorizar o professor da escola básica e sua formação é valorizar essa escola”.

2.2 Educação Inclusiva

2.2.1 Definição

O Art. 58. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/96 (Lei nº 9.394/96), entende por educação especial, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para pessoas com necessidades especiais.

No primeiro parágrafo afirma que na escola regular haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado para auxiliar na aprendizagem desses alunos. O segundo parágrafo afirma que quando não for possível a integração dos alunos considerados especiais nas classes comuns, em função das condições específicas desses alunos, o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados. E o terceiro parágrafo garante o início da educação especial, na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

A LDB/96 considera que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. A terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados. Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento

especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

O Art. 59 da LDB/96 assegura também a educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora. Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

E o Art. 60. da LDB/96 considera que os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público. No parágrafo único desse artigo cita que o Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas no artigo.

O desafio da educação brasileira é encontrar soluções para a questão do acesso e a permanência dos alunos nas escolas. Esse desafio, torna-se maior quando envolve alunos com necessidades especiais.

A educação inclusiva é um movimento mundial fundamentado nos princípios dos direitos humanos e da cidadania, tendo por objetivo eliminar a discriminação e a exclusão, para garantir o direito à igualdade de oportunidades e à diferença, transformando os sistemas de ensino, de modo a propiciar a participação de todos os alunos, com foco especial naqueles que são vulneráveis à marginalização e exclusão. (BIAGGIO, 2007, p. 24).

Visa à formação da personalidade de um indivíduo como um todo: à formação de um indivíduo autônomo, participativo, ético, político, cooperativo, com consciência de si mesmo e um ser social. Alunos infelizes, desmotivados, com baixa auto-estima resultantes da exclusão escolar e da sociedade são vítimas da família, e principalmente da pobreza social e cultural. Vítimas da escola por múltiplas repetências, expulsões, evasões e por não se enquadrarem no protótipo de educação formal. Acabam não participando das atividades porque realmente não aprenderam e foram promovidos pelo seu tamanho ou idade avançados. Muitos deles tornam-se mais rebeldes e excluídos por não conseguirem realizar as atividades pela falta de apoio dos professores e da escola.

A inclusão escolar provoca uma mudança de atitude diante do outro mostrando os nossos limites e nos fazendo ir além. Mantoan, (2004, p. 28) afirma que “o reconhecimento do outro é sempre e implacavelmente diferente, pois a diferença é o que existe, a igualdade é *inventada* e a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional” (grifo do autor).

Arantes (2006, p.17), afirma que tratar as pessoas de maneira diferente, pode enfatizar suas diferenças, assim como tratar igualmente os diferentes pode esconder as suas especificidades e excluí-los do mesmo modo. A escola não deve ser um lugar de discriminação, os alunos jamais devem se sentir inferiorizados e desvalorizados. Na educação inclusiva é importante que a turma reconheça as diferenças, valorizando os talentos, as habilidades e competências e aceite as dificuldades inerentes a cada indivíduo.

Pacheco et al. (2007, p. 43) consideram que:

Uma consciência do que a inclusão significa em termos de educação escolar precisa ser reconhecida. Ela envolve a compreensão de diferenças e o direito de cada criança de aprender dentro do contexto social da sala de aula, tendo acesso ao currículo, e de se dedicar a atividades de aprendizagem, que reforcem sua auto-imagem e autonomia.

Historicamente o mundo tem excluído as pessoas consideradas “diferentes” do padrão socialmente determinado e aceito e até muitos anos atrás, esses “diferentes” eram mantidos “escondidos” em casa pelos familiares.

A inclusão implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem vindos e celebra a diversidade que tem como base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o background social, o nível de aquisição educacional ou a deficiência. (MITTLER, 2003, p. 34).

O que se busca na escola inclusiva é um professor que explore todas as metodologias e técnicas buscando a aprendizagem de todos, mesmo os que entenderam com a utilização da primeira técnica, com a utilização de outras técnicas, o conteúdo será reforçado e todos sairão aprendendo. Silva (2006) considera que a educação inclusiva visa reduzir todas as pressões que levam a exclusão e todas as desvalorizações, desde as relacionadas a capacidade, ao desempenho cognitivo, a raça, ao gênero, à classe social, à estrutura familiar, ao estilo de vida ou à sexualidade.

Lisita; Peixoto (2001, p. 63) concluem que:

Escola inclusiva é aquela que apresenta ensino de qualidade para todos, que adota propostas pedagógicas eficazes, que cria modos de intervir considerando a diversidade dos níveis de aprendizagem dos alunos, que utiliza metodologias ativas, cooperativas e demonstrativas, que observa, analisa e interpreta as respostas dos alunos, enfim, que seja de fato especializada e comprometida com todos aqueles que participam do processo ensino-aprendizagem.

Libâneo (2004, p. 190) ressalta que “a escola voltada para uma sociedade que inclua todos precisa considerar a diversidade cultural e as diferenças, de modo a representar num currículo comum os interesses de todos os alunos”. O respeito a diversidade é a alternativa mais viável para romper nos sistemas educacionais com as diferentes formas de exclusão educacional.

A educação inclusiva acontece desde a elaboração do projeto político pedagógico da escola, na qual a visão de todos os profissionais da educação deve ser o de aprendizagem de todos os alunos, usando metodologias diferenciadas e estimulando os aspectos positivos de cada aluno. Implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos. É baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos, celebrando a diversidade.

O professor não deve planejar para um aluno específico, porque adequando e selecionando atividades diferenciadas para aquele aluno, está desconsiderando a capacidade daquele aluno decidir, negando a autonomia intelectual deste. O gestor deve desenvolver ações para que não haja discriminação na escola, desenvolvendo com a comunidade escolar um projeto para um melhor acolhimento desses alunos portadores de deficiência onde não haja protecionismo, mas aceitação natural como um ser livre.

A educação inclusiva se baseia na oferta de vários serviços, garantindo aos alunos com deficiência o direito de estar em espaços sociais, aumentando a proximidade física com os demais, usufruindo os mesmos recursos educacionais, potencializando a interação social. Stainback; Stainback (1999) afirmam que há três componentes práticos interdependentes no ensino inclusivo: a rede de apoio, que envolve a coordenação de equipes e indivíduos que apóiam-se através de conexões formais e informais; a consulta cooperativa e o trabalho em equipe, que envolve indivíduo de diferentes especialidades e a aprendizagem cooperativa, que está relacionado com a criação de uma atmosfera de aprendizagem em sala de aula.

Os alunos com necessidades especiais vão para a escola para aprender, assim como vão para a escola os alunos considerados sem necessidades especiais. O objetivo da política de inclusão desses alunos é de aprendizagem e não somente de socialização. Diante da democratização do ensino, a campanha escola para todos tem atingido seus objetivos, agora, o problema atual, é uma escola de qualidade para todos.

2.2.2 Inclusão no Brasil

De acordo com Lisita; Peixoto (2001), a inclusão pressupõe a humanização do futuro cidadão e, conseqüentemente, uma sociedade menos segregadora, estigmatizante e preconceituosa. No Brasil não há dados que especifiquem a quantidade de indivíduos portadores de deficiência. Por esse motivo, não se tem a exatidão de que percentual de indivíduos com necessidades especiais encontram-se matriculados e freqüentando regularmente as escolas.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (2001), a diretriz constitucional (art. 208, III) garante que todas as crianças, jovens e adultos com necessidades especiais sejam atendidos em escolas regulares, sempre que for recomendado pela avaliação de suas condições pessoais. Uma política explícita e vigorosa de acesso à educação, de responsabilidade da União, dos Estados e Distrito Federal e dos Municípios, é uma condição para que às pessoas especiais sejam assegurados seus direitos à educação.

Mantoan (2004) acredita que o especial da educação tem a ver com a inclusão de todos os alunos do bairro englobando os portadores de deficiência, revertendo a situação da escola brasileira marcada pelo fracasso e evasão de parte significativa dos alunos.

As escolas não tem demonstrado condições de inclusão social utilizando o modelo tradicional que, segundo Menezes; Santos (2002) é uma proposta de educação centrada no professor que tem a função é vigiar, aconselhar, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, e os alunos devem prestar atenção e realizar exercícios para gravar e reproduzir a matéria dada. Na pedagogia tradicional, a metodologia utilizada é a exposição oral, seguindo passos pré-determinados e fixos para qualquer contexto escolar.

É necessário mudar de uma escola transmissora de conhecimentos para uma que acolha as diferenças e promova a vida em sociedade. As escolas especiais não substituem a escola comum, complementam-na. A escola, com seu modelo tradicional exclui até os alunos considerados sem deficiências, colocando um mesmo nível de exigência para todos os alunos.

Considerando as questões envolvidas no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, a articulação e a cooperação entre os setores de educação, saúde e assistência é fundamental e potencializa a ação de cada um deles. Como é sabido, o atendimento não se limita à área educacional, mas envolve especialistas sobretudo da área da saúde e da psicologia e depende da colaboração de diferentes órgãos do Poder Público, em particular os vinculados à saúde, assistência e promoção social, inclusive em termos de recursos.

Desde as décadas de 60 e 70, foram estruturadas propostas de atendimento educacional para o trabalho de inclusão de alunos portadores de deficiência e espera-se ainda nos dias de hoje a aplicação dessas propostas. Lisita; Peixoto (2001) propõem medidas para a construção da escola inclusiva: unificação do ensino especial com o ensino regular, prioridade a inclusão na educação infantil, introdução da inclusão no Projeto Político Pedagógico, mudanças na avaliação, formação continuada dos professores, reestruturação do espaço-físico e pessoal da escola e abolição dos serviços segregados desnecessários.

Quanto mais cedo se der a intervenção educacional, mais eficaz ela se tornará no decorrer dos anos, produzindo efeitos mais profundos sobre o desenvolvimento das crianças. Por isso, o atendimento deve começar precocemente, inclusive como forma preventiva. Na hipótese de não ser possível o atendimento durante a educação infantil, há que se detectarem as deficiências, como as visuais e auditivas, que podem dificultar a aprendizagem escolar, quando a criança ingressa no ensino fundamental.

Na maioria das escolas brasileiras, as diferenças ainda são colocadas em categorias. Alunos com deficiência são colocados em escolas diferenciadas; alunos com dificuldades de aprendizagem reprovam e acabam sendo excluídos na escola.

A escola não deve ser um lugar de discriminação, os alunos jamais devem se sentir inferiorizados e desvalorizados. Segundo Rodrigues (2008, p. 13) o objetivo da educação inclusiva não é anular as diferenças e, sim, entendê-las, mantendo-as

ativas, encorajar o seu aparecimento e expressão enfim, torná-las presentes e utilizáveis para o processo educativo de todos os alunos.

Diante da democratização do ensino, a campanha escola para todos tem atingido seus objetivos, o problema atual é uma escola de qualidade para todos.

Na visão de Libâneo (2004, p. 68), “ainda não estão suficientemente pesquisadas as formas de atendimento dos direitos de alunos portadores de outras necessidades, já que seu desempenho se situaria fora daqueles parâmetros universais”.

Pacheco et al. (2007) indica alguns procedimentos necessários para o sucesso do processo de inclusão: pelo menos um ano antes da matrícula, deve ser iniciado o processo de preparação na escola. Em colaboração com o serviço de apoio, para introduzir alunos com necessidades especiais. Elaboração do plano da escola enfatizando a importância da colaboração dos pais. E, a preparação dos professores sobre as necessidades específicas de cada aluno e o aumento das habilidades dos mesmos na aplicação de métodos de ensino.

Segundo Lisita e Peixoto (2001, p. 59):

A escola enquanto instituição social produtora de conhecimentos tem utilizado processos de controle perversos preparando/treinando em definitivo os indivíduos das camadas populares para assumirem seus lugares de excluídos da vida social e, em conseqüência, vivenciarem a marginalização cultural, econômica e política.

Nos dias de hoje, a maioria da população está descontente com esse sistema, e está em busca de alternativas para mudar essa realidade que cada vez mais torna o nosso mundo sem perspectivas e violento. Para que possamos mudar essa realidade devemos priorizar a formação de todos os indivíduos, aceitando as diversidades sociais e culturais, entendendo que todos tem sua singularidade.

Além de todas as barreiras existentes para a inclusão, há, também, a ignorância de alguns pais de alunos portadores de deficiência, que são os que mais deveriam apoiar e por muitas vezes subestimam a capacidade dos filhos excluindo-os do convívio dos demais. Deve-se considerar que quanto mais se aumenta a rede de proteção à deficiência, ocorre a elevação da segregação e indubitavelmente da exclusão. Para o sucesso de uma escola inclusiva, é necessário o redirecionamento das práticas de ensino para obter uma educação de qualidade para todos.

2.2.3 Formação dos professores

O objetivo principal da formação continuada sobre o tema educação inclusiva deve ser visar à eliminação de barreiras que impedem as escolas de se abrirem às diferenças e essas mudanças dependem de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações. Considerando a diretriz da integração, ou seja, de que, sempre que possível, as crianças, jovens e adultos especiais sejam atendidos em escolas regulares, a necessidade de preparação do corpo docente, e do corpo técnico e administrativo das escolas aumenta enormemente. Em princípio, todos os professores deveriam ter conhecimento da educação de alunos especiais.

Segundo o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), as tendências recentes dos sistemas de ensino são as seguintes:

inclusão do aluno com necessidades especiais no sistema regular de ensino e, se isto não for possível em função das necessidades do educando, realizar o atendimento em classes e escolas especializadas; ampliação do regulamento das escolas especiais para prestarem apoio e orientação aos programas de integração, além do atendimento específico; melhoria da qualificação dos professores do ensino fundamental para essa clientela; expansão da oferta dos cursos de formação pelas universidades e escolas normais (PNE, 2001, p. 63).

Se na formação inicial do professor fossem trabalhadas as diferenças em todas as disciplinas, eliminaria, nas escolas, as reações negativas dos professores do ensino regular diante dos alunos com deficiência. A formação continuada deve capacitar os professores para uma escola aberta as diferenças, na qual ocorra o redirecionamento das práticas de ensino pela valorização das diferenças.

Para o sucesso da implementação da educação inclusiva, é necessário na formação inicial desconstruir as concepções tradicionais de que somente com turmas homogêneas o desenvolvimento de um bom trabalho é garantido, e a concepção de que é necessário profissionais especializados em educação especial. E manter na formação continuada propostas que façam o professor quebrar seus próprios paradigmas e romper a acomodação em que se encontra.

É preciso entender que, apesar de importantes, não há cursos suficientes que dêem conta da diversidade humana e que, em se tratando de inclusão escolar, o aluno deve sempre causar impacto, pois, assim, somos estimulados a refletir sobre a nossa prática, questionando-a, a repensar os nossos valores e as atitudes e a trocar experiências com os nossos colegas compartilhando frustrações e esperanças (LISITA & PEIXOTO, 2001, p. 66).

Nos cursos de formação inicial de professores são trabalhadas disciplinas com o título de Educação Especial ou outros títulos que tratam sobre o mesmo assunto. Se há uma disciplina própria para trabalhar com os alunos com necessidades especiais, logo não há inclusão na própria formação do professor. Para que a inclusão faça parte do dia-a-dia, ela deve ser estudada sempre em todas as disciplinas.

Na formação continuada que ocorre nas escolas, é indispensável que um dos temas dessa formação seja sobre o atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais. O domínio das técnicas necessárias para uma boa aprendizagem dos alunos com necessidades especiais não deve ser somente de professores especialistas, mas sim, de todos os profissionais da educação.

A inclusão implica que todos os professores têm o direito de esperar e de receber preparação apropriada na formação inicial em educação e desenvolvimento profissional contínuo durante sua vida profissional. Eles também merecem apoio dos seus diretores e das autoridades locais, assim como dos coordenadores de necessidades especiais da escola e dos serviços externos de apoio à escola e na política de necessidades especiais (MITTLER, 2003, p. 35).

A formação de recursos humanos com capacidade de oferecer o atendimento aos educandos especiais nas creches, pré-escolas, centros de educação infantil, escolas regulares de ensino fundamental, médio e superior, bem como em instituições especializadas e outras instituições é uma prioridade para o Plano Nacional de Educação. Não há como ter uma escola regular eficaz quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos educandos especiais sem que seus professores, demais técnicos, pessoal administrativo e auxiliar sejam preparados para atendê-los adequadamente.

Mantoan (2004) acredita que a presença de professores especialmente destacados para acompanhar o aluno com deficiência nas atividades de sala de aula constitui mais uma barreira a inclusão pois desqualifica o professor responsável pela turma e o acomoda, não provocando mudanças na sua maneira de atuar.

O perfil ideal de um profissional apto a trabalhar a educação inclusiva, é um professor que além dos conteúdos habituais, possa conhecer e desenvolver um conjunto de práticas que permita aos alunos atingirem o limite das suas capacidades e que trabalhe com turmas pequenas para que possa dar atenção a todos os alunos.

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino pois dever tornar os professores aptos a elaborar e implantar novas

práticas de ensino para o sucesso da educação de todos os alunos. É necessário a superação das práticas que segrega, discriminam e excluem.

Pacheco et al., (2007, p. 55) consideram que:

Os professores precisam ser apoiados na aquisição de habilidades e na compreensão de como melhorar as maneiras de comunicação e as relações sociais. Isso é especialmente necessário quando alguns alunos necessitam de maneiras especiais para compreender e ser compreendidos por seus colegas.

Mittler (1999 apud LISITA; PEIXOTO, 2001, p. 66) afirma que na formação inicial dos professores deve-se incluir nas disciplinas de natureza teórica conteúdos que dizem respeito a diversidade, bem como as minorias étnicas e o multiculturalismo. Torna-se necessário que todas as escolas contem com o apoio de uma equipe multiprofissional (médicos, psicólogos, fisioterapeutas) capaz de assessorar os professores para trabalharem com alunos deficientes, dando a esse professor o apoio teórico e prático necessário para o desempenho de um bom trabalho com todos os alunos.

Para que os professores possam trabalhar a inclusão nas escolas, é necessário uma formação continuada que aborde a diversidade e a complexidade dos diferentes tipos de deficiência física. Esse conhecimento é necessário para a elaboração de estratégias de ensino para que se possa focalizar o potencial dos alunos e não uma aprendizagem centrada nas limitações de cada um.

Pacheco, (2007, p. 66-68) passim mostra estudos desenvolvidos durante os anos de 1998 a 2001 por uma equipe colaborativa na Áustria, Islândia, Portugal e Espanha, apresentando as práticas bem-sucedidas por escolas com excelência em educação inclusiva. Salientando que foi dado treinamento específico aos professores. Então, o mesmo professor que dava aula para a turma, trabalhava individualmente dando o apoio necessário aos alunos com necessidades especiais. Explica também, que o grupo de apoio dava treinamento aos professores para que esses mesmos professores trabalhassem com o aluno. Então o grupo de apoio trabalhava com os professores e os professores trabalhavam com os alunos.

Ibidem. p.75, apresenta em um resumo alguns resultados do projeto que considera importantes para o sucesso da inclusão escolar. Considera que os professores de classes comuns têm condições de lecionar para classes inclusivas. “Porém, eles precisam de apoio para adquirir conhecimentos e habilidades

suficientes por meio de treinamento interno na escola e de instituições de aconselhamento e especialistas”. Além desse apoio, os professores de classe tinham sempre um parceiro (outro professor) compartilhando a responsabilidade em todos os aspectos.

Pacheco, Op. cit. p. 75 afirma que:

É válido notar quanto do desenvolvimento dos professores e do pessoal dependeu de ações de autotreinamento do pessoal como um todo ou em grupos de professores. Por meio do autotreinamento, os professores compartilham seu conhecimento e habilidades especiais com seus colegas. O treinamento da escola precisa ser caracterizado pela reflexão, compartilhamento e resolução de problemas diários.

A partir dessa afirmação dos autores, fica claro que a melhor maneira de trabalhar a formação continuada é através dos estudos dos próprios professores, com apoio de uma equipe especializada que possa trazer a teoria e esta então ser refletida com a prática. A responsabilidade do processo é da comunidade escolar.

Martins; Santomauro; Ratier (2008) fazem uma comparação entre o desempenho dos brasileiros nas avaliações internacionais e os países que ficaram melhores colocados. A Finlândia aparece nas melhores colocações e apresenta a menor variação de notas entre os estudantes. O sucesso desse desempenho é creditado aos programas de apoio aos alunos com dificuldade de aprendizagem e por professores preparados para a tarefa de ensinar a todos, respeitando a diversidade e o ritmo de cada estudante.

Os profissionais da educação especial passam por uma formação diferenciada: freqüentam um curso universitário específico que dura cinco anos em período integral. Além dos assuntos tradicionais da formação docente, o currículo inclui estudos específicos para a tarefa de ensinar quem tem mais dificuldade. Na prática, a formação cuidadosa é completada por uma rede de apoio ao professor, que tem à disposição uma equipe de psicólogos, psicopedagogos e consultores para ajudá-lo a resolver os problemas da sala de aula.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo trata da construção e das etapas da pesquisa. Na etapa da construção da metodologia são utilizados as referências de autores como Marconi; Lakatos (2009), Minayo (2004) e Gil (2002, 2008).

3.1 Construindo a pesquisa

Esse trabalho faz parte das Ciências Sociais, pois, de acordo com Marconi; Lakatos (2009, p. 4) “a pesquisa social é um processo que utiliza metodologia científica por meio da qual se podem obter novos conhecimentos no campo da realidade social”. É considerada qualitativa, pois segundo Minayo (2004, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Segundo Gil (2002), com base nos objetivos a presente pesquisa é considerada descritiva e quanto ao procedimento técnico o estudo de caso foi utilizado. “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.” (ibid, p. 42) “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado.” (GIL, 2008, p. 57-58)

Como técnica da pesquisa encontrou-se na entrevista a forma para chegar mais perto dos gestores das escolas municipais de Passo Fundo. De acordo com Lakatos (2008), o instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista estruturada com o auxílio de um gravador. Segundo Gil (2002, p. 279) a entrevista é considerada estruturada “quando o pesquisador segue um roteiro previamente estabelecido. As perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”.

As entrevistas aconteceram no mês de abril. Mais tarde, elas foram transcritas a fim de analisar os dados.

3.2 Etapas da pesquisa

Inicialmente o projeto de pesquisa foi organizado, onde se buscou formular a problemática e delimitar os referenciais teóricos. Depois foi realizada uma pesquisa nos projetos de formação continuada de 2008 das escolas municipais entregues na Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo, a partir do levantamento dos dados, percebeu-se que o Tema Educação Inclusiva era o mais citado nos projetos das escolas.

Ao todo, foram selecionadas sete escolas e feito o contato com as mesmas. Das sete escolas, três entrevistas foram realizadas com as coordenadoras pedagógicas e em quatro escolas, com as diretoras.

No primeiro momento foi feito o contato com a direção da escola para a apresentação da pesquisa e o agendamento da entrevista. Foram sete escolas, as quais a partir de agora nomearei como escola 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Algumas direções marcaram a visita com a coordenadora pedagógica, pois de acordo com elas, a coordenadora foi à organizadora da formação. Então, nas escolas 1, 4, 6 e 7 as entrevistas foram realizadas com as diretoras, e nas escolas 2, 3 e 5 as entrevistadas foram às coordenadoras pedagógicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capítulo trata do resultado das entrevistas com os gestores e das constatações realizadas a partir desses resultados.

4.1 Entrevista

4.1.1 Gestores

Todos os gestores da escola são professores, destes, quatro tem magistério como formação inicial, que são os professores das escolas 1, 2, 4 e 6. E todos esses profissionais tem licenciatura plena. Todos possuem especialização em áreas da educação como supervisão escolar, gestão educacional, didática e planejamento e outros em áreas específicas da disciplina de graduação.

A partir da entrevista, da recepção nas escolas e da organização que foi observada durante a entrevista, pode-se perceber que a titulação não influencia muito na gestão das escolas, porque todos os gestores possuem especialização na área da educação, percebeu-se até que os gestores que não tiveram formação na área administrativa, realizam um trabalho excelente na escola, ficando visível que o que muda é a dedicação de cada gestor para o melhor funcionamento de cada escola e não os seus certificados.

4.1.2 Tempo de serviço na área da educação

Somente a coordenadora da escola 5 tem oito anos de trabalho em educação. Todos os outros profissionais acumulam mais de vinte anos com trabalho na área educacional.

4.1.3 Tempo de serviço como gestor

Os gestores das escolas 1, 2, 3 e 4 tem mais de 6 anos na função de gestor e os gestores das escolas 5, 6 e 7 tem 3 anos na função.

Percebeu-se que o tempo da gestão não é um fator que diferencia uma escola da outra. Pois, dessas escolas, percebeu-se que na escola 1 é a segunda gestão da diretora e esta se sente motivada, satisfeita com as mudanças que ocorreram na escola durante esse tempo e em busca de novas atividades que garantam a qualidade de ensino na escola. Enquanto na escola 2 percebeu-se o desânimo da coordenadora e a acomodação da mesma diante da realidade da escola.

4.1.4 Desafios no desempenho da função

4.1.4.1 Diretor

Todos os diretores das Escolas vêem como maior desafio, a participação dos pais na escola, buscam parcerias em busca da valorização da escola pelos alunos e pais.

4.1.4.2 Coordenador pedagógico

Das três coordenadoras pedagógicas entrevistadas, somente uma delas citou como desafio a busca da parceria entre escola e família que foi a coordenadora da escola 5, as demais preocupam-se com as metodologias utilizadas no trabalho com os professores visando a qualidade da educação. Percebeu-se que na escola 5, a coordenadora dedica-se inteiramente desempenhando funções além do seu cargo, procurando manter a organização e o funcionamento da escola mesmo na ausência da diretora e de funcionários na secretaria.

4.1.5 Organização da formação continuada

Em todas as escolas entrevistadas, a organização da formação é realizada pela direção com as sugestões dos professores. Na escola 2 a direção não conta com as idéias e sugestões dos professores.

A coordenadora da escola 2 declarou durante a entrevista, que escolhe alguns assuntos em sugestões encaminhadas pela Secretaria Municipal de Educação, no início do ano, quando inicia a elaboração do projeto de formação coloca vários assuntos que considera interessantes e durante o ano, vai escolhendo alguns desses assuntos para trabalhar na formação. A escola 4 declarou que a escolha dos temas foi feita pela Escola, (professores, funcionários e alunos) de acordo com as dificuldades que foram encontradas durante o ano anterior e o que se julgou necessário trabalhar para a melhoria da aprendizagem dos alunos e que nessas escolhas, sempre são valoriza dos os professores da escola, dividindo os temas em grupos, para que cada professor possa desenvolver seu potencial na hora da apresentação.

4.1.5.1 Tempo utilizado na organização

O tempo utilizado para a organização da formação é variado. Em algumas escolas a direção começou a organizar os temas na reunião final do ano de 2007, solicitando a sugestão dos professores, outras organizaram em torno de um mês, levando em consideração o prazo de entrega do projeto na Secretaria Municipal de Educação.

4.1.5.2 Escolha dos temas

Na escolha dos temas, os gestores citaram levar em consideração algumas escolhas feitas pelos professores, somente na escola 2 a direção seleciona os temas sem o consulta prévia aos professores.

4.1.5.3 Elaboração do projeto

Todos os gestores afirmaram que elaboraram o projeto, somente a escola 5 contou que antes da entrega, o projeto foi revisado pelos professores e pode ser complementado antes de ser enviado para a Secretaria Municipal de Educação. Percebeu-se na entrevista, que o projeto de formação é elaborado pela direção e entregue na Secretaria Municipal de Educação, mas que nem sempre a formação ocorre como foi colocada no projeto, ocorrem adaptações da formação na escola durante o ano, e essas alterações não são encaminhadas ao órgão competente.

4.1.6 Tema Educação Inclusiva

4.1.6.1 Escolha do tema

O tema Educação Inclusiva foi escolhido pelos professores e pela escola, somente na escola 2 foi à direção que escolheu sem a consulta prévia aos professores.

4.1.6.2 Objetivo da escolha do tema

O tema educação inclusiva foi escolhido por motivos diferentes nas escolas, como o tema é bastante amplo, as razões da escolha foram variadas. As escolas 1 e 5 escolheram esse tema visando a inclusão social. A escola 7 colocou esse tema porque é considerado o tema da moda. A escola 6 para adequação a legislação vigente. E as escolas 2, 3 e 4 porque possuem alunos com necessidades especiais na escola.

Na escola 1 o trabalho com os alunos com necessidades especiais já ocorre há vários anos, então já faz parte do dia-a-dia, essa escola enfrenta problemas com a exclusão dos alunos que são marginalizados pela sociedade e com a violência. Como esta escola encontra-se num bairro mais afastado do centro da cidade, com vários problemas de drogadição na vila e famílias em que os pais encontram-se presos. Essa escola ainda encontra resistência de alguns professores que continuam mantendo níveis de exigência que não são alcançados pela maioria dos alunos, então esse trabalho de inclusão foi para que os professores tenham

entendimento das diferenças de cada aluno e realizem um trabalho que não os excluam mais do que a sociedade já exclui.

No ano de 2008, um dos alunos da escola 5 sofreu um acidente e tornou-se um deficiente físico, utiliza uma muleta. Mas a escola não achou necessário desenvolver um trabalho de inclusão desse aluno na escola, porque ele faz parte da comunidade escolar, e participa de todas as atividades da escola, inclusive as aulas de Educação Física.

A escola 7 possui alguns alunos com problemas de inclusão social, problemas esses, que nem a direção da escola sabe quais são, e como a escola já trabalha com alguns alunos com grandes deficiências na aprendizagem, a direção preocupa-se em não saber que metodologias utilizar para que esses alunos possam aprender. E também, já estão iniciando a preparação dos professores para atender alunos com deficiências dos variados tipos, já que a inclusão já é uma realidade e a escola não se sente preparada para receber todos os alunos.

A escola 6 trabalhou esse tema porque possui alunos com necessidades especiais na escola, e para estarem adequados legalmente para o trabalho com esse alunos, porque a escola os acolheu, mas tinham interesse em saber no sobre a legislação, quais são os direitos e deveres da escola sobre o assunto inclusão.

A escola 2 escolheu colocou esse tema no projeto de formação e durante o ano de 2008 recebeu uma aluna com necessidades especiais do tipo física neuro-motora, então resolveu trabalhar o assunto para auxiliar a professora que trabalhava com essa aluna.

A escola 4 recebeu dois alunos portadores de deficiência no ano de 2008 e procurou, com essa formação, adequar a escola e os professores para um trabalho eficiente com estes.

A escola 3 trabalha com um aluno deficiente visual desde as séries iniciais do ensino fundamental, e no ano de 2008, resolveu fazer essa capacitação para que os professores das séries finais do ensino fundamental preparassem-se para recebê-lo no ano de 2009 na quinta-série.

4.1.6.3 Metodologia utilizada

A metodologia mais utilizada pelas escolas foi a leitura de textos, que ocorreu nas escolas 1, 2, 4, 5, 6 e 7. Palestras foram oferecidas pelas escolas 3, 4, 5 e 7. A

escola 4 utilizou vídeos e a escola 5 utilizou dinâmicas de grupo. Todos os professores da escola 6 participaram de uma capacitação oferecida pela Secretaria Municipal de Educação sobre o Tema Educação Inclusiva além do horário da formação continuada realizada na escola.

A escolha dessas metodologias foram feitas pela direção de cada uma das escolas. A escola 1 trabalhou com textos fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação pela praticidade de os terem em mãos. A escola 2 trabalhou com textos da Secretaria Municipal de Educação porque o horário era reduzido para trabalhar esse assunto.

A escola 3 escolheu palestras como metodologia visando a preparação dos professores para o trabalho com os alunos portadores de deficiência. A escola 4 utilizou metodologias diferenciadas, tentando atingir com isso, melhor qualidade na formação e visando a valorização dos profissionais da escola, já que alguns assuntos foram apresentados por eles mesmos.

A escola 5 escolheu metodologias diferenciadas para garantir a participação e a sensibilização da maioria dos professores sobre o assunto. E a escola 7 escolheu a palestra como metodologia para que os professores conhecessem outras realidades.

Percebeu-se que a escolha de textos apareceu na maioria das escolas pela praticidade. Na maioria delas não foi feito o estudo do texto visando a qualidade da formação do professor, mas sim, como uma maneira de realizar a formação sem ter trabalho na elaboração da mesma.

Quando se trabalha com os alunos, principalmente com os alunos que apresentam necessidades especiais, deve-se trabalhar com metodologias diferenciadas, buscando o envolvimento, a participação e a aprendizagem da maioria da turma. A formação continuada deve ser trabalhada da maneira que deve ser trabalhado na sala de aula, para que pareça natural ao grupo de professores, para que já vão se acostumando com as metodologias.

4.1.6.4 Tempo utilizado para o desenvolvimento do tema

As escolas 1 e 2 utilizaram duas horas para a formação sobre o assunto educação inclusiva. As escolas 3, 4 e 5 utilizaram 20 horas para esse assunto. A escola 6 e 7 utilizaram 12 horas para o desenvolvimento desse tema.

Pode-se perceber que as escolas que incluíram alunos com necessidades especiais, dedicaram mais horas de estudo no tema, buscando preparar os professores para o trabalho com os mesmos. E que a escola 5, mesmo trabalhando a inclusão social, dedicou-se todo o tempo de sua formação preparando-se para incluir socialmente todos os alunos da comunidade.

A escola 6, não utilizou todo o tempo da formação continuada na escola sobre esse assunto porque todos os professores da escola participaram de uma capacitação específica para a inclusão de alunos com necessidades especiais oferecida pela Secretaria Municipal de Educação.

O tempo utilizado para o tema inclusão, dependeu do interesse da direção da escola no assunto, mais importante que o tempo, é a utilização desses momentos destinados a capacitar o professor para que possa desenvolver um bom trabalho com os alunos na sala de aula.

4.1.6.5 Avaliação

As escolas 2, 3, 5, 6 e 7 fizeram uma reflexão ao término no assunto. As escolas 1 e 3 realizaram um debate com o grupo. A escola 4 avaliou a aceitação dos professores ao tema e foi observado o progresso dos alunos, e durante a formação algumas situações que aconteciam durante o dia-a-dia era utilizadas como estudo de caso.

A escola 4 realizou estudo de caso durante o ano. Esses casos foram apresentados na formação, mas sem a elaboração de uma pesquisa fundamentada. Seria de grande valia para a escola e para todos os profissionais de educação se essas pesquisas fossem divulgadas facilitando e sugerindo novas maneiras de trabalhar com os alunos com necessidades especiais.

Na avaliação, percebe-se que foi exigido dos professores somente a reflexão e o debate, sem cobrar a aprendizagem, sem nenhuma atividade que exigisse um estudo mais aprofundado da parte do professor e a dedicação dele na formação. A exigência é somente a participação, estar no local e falar sobre o que acha, sem teorizar.

Esse é um hábito que deve ser repensado e adequado. Iniciar aos poucos uma avaliação escrita, na qual seja exigida uma participação maior do professor, não somente o “corpo presente” na formação. E durante o passar dos anos, cobrar a

apresentação escrita, uma pesquisa mais detalhada, no qual o professor se sinta desafiado.

4.1.7 Alunos com necessidades especiais na escola

As escolas 1, 3 e 4 trabalham com alunos deficientes visuais. A escola 2 atendeu, no ano de 2008 uma aluna com deficiência física e neuro-motora. A escola 4 trabalha também com um aluno com deficiência cerebral. A escola 5 tem um aluno com deficiência física. A escola 6 trabalha com um aluno com síndrome de Down e um aluno com deficiência mental leve. E a escola 7 trabalha com alunos excluídos socialmente.

As escolas 3 e 4 contam com uma sala de recursos, com especialistas capazes de auxiliar os professores e os alunos com necessidades especiais, tentando minimizar as dificuldades que aparecem durante o dia-a-dia na sala de aula, buscando uma aprendizagem de qualidade.

4.1.7.1 Relação da comunidade escolar com os alunos com necessidades especiais

Os gestores das escolas 1, 3, 5 e 6 relatam que os alunos com necessidades especiais foram bem acolhidos pela comunidade escolar. A escola 2 relatou que não havia relacionamento porque a criança era muito doente e apresentava crises freqüentes. A gestora da escola 4 relatou que houve resistência por parte dos pais dos outros alunos e resistência por parte dos professores na acolhida. E a escola 7 não citou nenhum caso.

Na relação dos colegas com a aluna com necessidades especiais na escola 2, a coordenadora relatou que não havia envolvimento porque ela era muito doente, tinha muitas convulsões, tomava remédios muito fortes limitando a iniciativa de construir relacionamentos.

4.1.8 Avaliação do gestor da formação continuada sobre o tema

A gestora da escola 1 relatou que a formação atingiu os objetivos com a maioria dos professores, onde foram observadas mudanças nas intervenções, na

maneira de trabalhar, na utilização de projetos e na valorização dos alunos, mas que ainda existem professores muito resistentes e que mantém a educação tradicional, enquanto a escola visa acolher todos os alunos, evitando que fiquem na rua e que além de serem excluídos na sociedade, sejam excluídos na escola.

Na escola 2, a coordenadora relatou que a escola não se encontra preparada para trabalhar com alunos com necessidades especiais, que a direção e os professores não possuem formação nenhuma para desenvolver esse trabalho diferenciado, e quando a aluna apresentava crises, a escola ligava para a família, e como as crises eram freqüentes, a criança abandonou a escola.

A coordenadora da escola 3 relatou que os professores se sentem mais preparados e adequados para o envolvimento com esse aluno, e se sentem mais seguros com a sala de recursos existente na escola, acreditando que facilitará a aprendizagem do aluno.

Na escola 4 a diretora relatou que os professores não se sentem preparados para receber todos os tipos de deficiências, que estão tentando desenvolver um trabalho que possa garantir a sociabilidade e a aprendizagem desses alunos, e que o trabalho que desenvolvem depende de uma professora especializada em educação especial que faz um trabalho diferenciado com esses alunos, durante a maior parte do tempo que eles se encontram na escola.

Na escola 5 a coordenadora relatou que os professores se sentem mais adequados, porque já estão estudando freqüentemente sobre o assunto mas não se sentem preparados.

Na escola 6 a diretora relata que os professores estão sendo desafiados, tem estudado, procurando as melhores metodologias para trabalhar com esses alunos, contam com a freqüência desses alunos em uma escola especial no turno inverso mas que ainda não encontram-se preparados para uma educação de qualidade.

Na escola 7 a diretora relatou que a escola venceu o medo de trabalhar com os alunos deficientes mas não encontram-se preparados pois não sabem como conseguir atingir os objetivos de aprendizagem com esses alunos.

4.1.9 Outros temas importantes para serem trabalhados na escola

As escolas 1 e 5 citaram a importância da participação efetiva dos pais na escola para o desenvolvimento dos filhos. As escolas 1, 2, 3 e 4 citaram a

importância de estudos sobre a aprendizagem. As escolas 2 e 7 citaram o Projeto Político Pedagógico importante para ser trabalhado nas formações. Metodologias são citadas pelas escolas 2, 3 e 6. O tema planejamento foi citado pelas escolas 2, 3 e 4. O tema avaliação citado pelas escolas 2 e 6. E o resgate de valores, citado pelas escolas 4 e 5.

As escolas citaram assuntos que não apareceram em comum com as outras escolas. A escola 1 relata os objetivos de emancipação da escola e da qualidade do ensino. A escola 2 citou como assuntos o professor pesquisador, a elaboração de projetos e planos de estudo. A escola 3 citou também os temas administração na sala de aula, raciocínio, lógica, confecção de materiais e valorização do professor. A escola 4 trabalhará com os temas as tarefas do professor, limites, a formação do educador e alguns títulos Direito e diferença: a educação que queremos pros nossos filhos e Pedagogia do oprimido. A escola 4 cita o tema violência como importante para ser trabalhado na formação. A escola 6 citou também como temas, seqüência didática, indisciplina e comportamento do adolescente. E a escola 7 citou planos de ação também como assunto importante para ser tratado na formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação continuada realizada nas escolas municipais de Passo Fundo depende da visão do gestor e dos objetivos que este pretende com esta formação.

Os gestores prepararam a formação continuada de 2008 de acordo com os interesses da escola, usando metodologias disponíveis na escola, e de fácil execução. Nas escolas que não apresentam alunos com necessidades especiais, não houve interesse do gestor em capacitar os professores para a inclusão, então, a metodologia utilizada foi somente a leitura de textos, e as que pretenderam uma formação que preparasse os professores para a inclusão, utilizaram a mistura de várias metodologias como: texto, vídeo e palestrantes.

Na formação continuada das escolas pesquisadas observou-se que não foi somente uma metodologia que deu resultado, mas o conjunto de várias metodologias. Acredita-se que dessa forma é possível realmente sensibilizar os professores e o tempo para o desenvolvimento do assunto educação inclusiva tem que ser de no mínimo vinte horas para que possam ser utilizadas diferentes metodologias e vivências, bem como para que permita-se ocorrer avaliações.

A avaliação feita por esses gestores é que a formação sobre o tema educação inclusiva permite aos professores o conhecimento sobre o assunto e a aceitação de que essa é a realidade das escolas, mas nenhum dos gestores afirma que os professores estão preparados para trabalhar a inclusão.

Percebe-se através da revisão bibliográfica que o que se espera da escola inclusiva é uma educação igualitária, utilizando metodologias diferenciadas visando à aprendizagem de todos os alunos e uma avaliação individual, na qual seja reconhecido as diferenças e a promoção da aprendizagem atendendo às necessidades de cada aluno. E além disso, espera-se que o professor seja um pesquisador, capaz de desenvolver produções científicas para que possa evoluir profissionalmente e também colaborando com as práticas educativas.

As escolas pesquisadas que trabalham a inclusão de alunos com deficiência, não estão totalmente adaptadas de acordo com essa visão de educação inclusiva, e de acordo com a revisão bibliográfica, aqui no Brasil, nenhuma trabalha com alunos portadores de deficiência como as teorias afirmam ser adequado. As escolas vão utilizando as metodologias que já foram apontadas por outros como eficientes e o

que a Secretaria Municipal de Educação disponibiliza como apoio a essas escolas visando uma educação de qualidade.

Somente na escola 2 não foi percebido interesse por parte dos gestores, de incluir a aluna com necessidades especiais na escola. Ficou claro durante a entrevista que a coordenadora não acredita que a escola possa trabalhar com alunos que apresentam deficiências físicas e neuro-motoras e que o assunto educação inclusiva foi escolhido ao acaso, e após a matrícula de uma aluna com deficiência resolveram trabalhar o texto na formação visando preparar a professora que trabalhava com essa aluna.

Nesse sentido, esse estudo fica incompleto. Pois é necessário confrontar as observações dos professores e dos gestores sobre o mesmo assunto, pois percebeu-se que na escola 2 quem organiza toda a formação são os gestores, ficando evidente nesse caso, que não há gestão democrática nessa escola, e a dúvida que veio durante a entrevista, é se realmente ocorre a formação continuada nessa escola, ou essa formação não passa de um projeto meramente enviado a Secretaria de Educação para corresponder as exigências da mesma.

O resultado da formação continuada não depende da formação do gestor nem do tempo de serviço desse gestor na escola. Após esse trabalho, acredita-se que o que influencia o sucesso dessa formação, são os objetivos do gestor na escolha do tema e na utilização de metodologias diferenciadas para que possa sensibilizar todos os professores. Nas escolas que apresentam alunos com necessidades especiais, a formação foi específica, preparando o professor para trabalhar com estes alunos que apresentam deficiências e conscientizando o professor para que perceba que nossas escolas já são heterogêneas e que o trabalho em sala de aula já precisa ser diferenciado para que se atinja os objetivos de aprendizagem com todos os alunos e que valorizando as diferenças de cada um é que se pode construir uma sociedade melhor com cidadãos solidários e preparados para o mundo de hoje.

Assim, defende-se que para a educação atingir os objetivos esperados pelas políticas nacionais, é necessário instituir espaços de formação continuada, gerada a partir da escola, através da pesquisa e da elaboração própria e da necessidade de um tempo significativo de reflexões construídas no coletivo.

Percebeu-se que o sucesso da formação continuada depende dos gestores das escolas, que são os profissionais responsáveis pelo planejamento, execução e

avaliação da formação continuada. E que a partir da formação continuada, vários processos de mudanças nas práticas podem ser desencadeados, e só construiremos uma escola inclusiva com ensino de qualidade se tivermos a participação de todos com processos contínuos de reflexão-ação.

Diante da diversidade dos temas sugeridos, percebe-se como os profissionais da educação encontram-se carentes de formação. Acredita-se que isso aconteça devido a formação inicial que não os preparou para a realidade das escolas públicas, e percebe-se a importância de especializações que invistam na pesquisa e no conhecimento da realidade.

Por isso, é que além de investimento em formação continuada nas escolas acredita-se que a oportunidade dos professores participarem de formações como a que estamos finalizando é primordial, porque ao terem acesso a espaços de aprendizagem, de (re)construção de conhecimentos, de ensino e pesquisa o professor se reconstrói como pessoa e profissional e torna-se capaz de propor mudanças significativas na sua realidade escolar. Para que o aluno aprenda é fundamental professor(es) aprendendo continuamente.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 143 p. (Série Prática Pedagógica)
- ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. 103 p.
- BIAGGIO, Rita de. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré-escolas. **Revista criança: do professor de educação infantil**, Brasília, n. 44, p. 19-26, nov. 2007.
- BRASIL. Lei nº. 9.394 de 20 de setembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 30 mai. 2009.
- BRASIL. Lei nº. 10.172 de 09 de janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF, 09 jan. 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 30 mai. 2009
- BRASIL. Portaria nº. 931, de 21 de março de 2005. **Sistema de Avaliação da Educação Básica**. Brasília, DF, 21 mar. 2005. Disponível em: <http://provabrazil.inep.gov.br/>. Acesso em 10 jun. 2009
- CIEGLINSKI, Amanda. Entre países da América Latina, Brasil ocupa a décima posição em relatório da UNESCO. **Agência Brasil**, 25 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/11/25/materia.2008-11-25.6221271578/view>>. Acesso em: 13 mar. 2009
- DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004. 111 p.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. (Org.). **Formação continuada e gestão da educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006. 92 p.
- GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 78 p. (Coleção Questões da Nossa época; v. 24).
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- _____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008, 200 p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 312 p.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004. 319 p.

LISITA, Verbena M.; PEIXOTO, Adão J. (Org.). **Formação de professores: políticas, concepções e perspectivas**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001. 112 p.

MANTOAN, Maria Teresa E. Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. In: STOBÁUS, C. D & MOSQUERA, J. J. M. (Orgs.). **Educação especial: em direção a Educação Inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. cap. 3, p. 27-40.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 277 p.

MARTINS, Ana Rita, SANTOMAURO, Beatriz; RATIER, Rodrigo. Eles podem inspirar a busca por soluções. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXIII, n. 216, p. 58-61, out. 2008.

MELLO, Reynaldo Irapuã Camargo. (Org.). **Pesquisa e formação de professores**. Cruz Alta: Centro Gráfico UNICRUZ, 2002. 137 p.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Pedagogia Tradicional. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=443>. Acesso em: 25 jun. 2009

MINAYO, Cecilia de Souza (Org.). DESLANDES, Suely Ferreira, NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 80 p.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Tradução Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003. 264 p.

PACHECO, José et al. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Tradução: Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed, 2007. 323 p.

PASSO FUNDO (RS). Prefeitura – Secretaria Municipal de Educação. **Programa de Formação Continuada 2008**. Gestão 2005/2008. Passo Fundo, RS. 41 p.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas: Papirus, 1993. 95 p.

RODRIGUES, David. Desenvolver a educação inclusiva: dimensões do desenvolvimento profissional. **Inclusão: Revista da Educação Especial**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 7-16, jul./out. 2008.

SILVA, Adilson Florentino da. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 67 p.

SILVA, Denise Madeira de Castro; FISS, Dóris Maria LUzzardi; FONTEBASSO, Maria Rosa (Orgs.). **Formação de professores: histórias, memórias e educação popular**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007. 144 p.

STAINBACK, William e STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 451 p.

WESCHENFELDER, Maria Helena; SARAIVA, Irene Skorupski Saraiva (Org.). **Sala de aula: que saberes? Que fazeres?** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006. 182 p.

APÊNDICE A

ENTREVISTA COM OS DIRETORES DAS ESCOLAS:

QUESTÕES

- Qual é a sua formação?
- Há quanto tempo trabalha na área da educação?
- Quais foram às funções desempenhadas na escola?
- Há quanto tempo é diretor da escola?
- Quais são seus maiores desafios no desempenho da função?

Sobre a formação continuada em serviço do ano de 2008.

- Quem organizou?
- Quanto tempo foi utilizado na organização?
- Quem escolheu os temas?
- Quem elaborou o projeto?

Sobre o tema Educação Inclusiva.

- Quem escolheu esse tema?
- Qual era o objetivo?
- Qual foi a metodologia utilizada?
- Quem escolheu a metodologia?
- Por que foi escolhida essa metodologia?
- Quanto tempo foi utilizado para o desenvolvimento desse tema?
- Como foi feita a avaliação?
- Na escola existe algum aluno portador de deficiência?
- Como é a relação da comunidade escolar com estes alunos?
- Você acredita que após essa formação continuada os profissionais da educação se sentem preparados para a inclusão?
- Que outros temas são importantes serem trabalhados na escola?